

MARK LAWRENCE



«Implacável
e assombroso.
Absolutamente
impressionante.»

ROBIN HOBB

IMPERADOR DOS ESPINHOS

Todos os poderes do Império vão tentar destruí-lo,
mas todos podem não ser suficientes.

TOP
SEL
LER

AGRADECIMENTOS

Terei de agradecer à minha leitora Helen Mazarakis por ter lido esta trilogia inteira, um fragmento de cada vez ao longo de muitos anos, dizendo-me o que pensava.

Sharon Mack, a pessoa que me motivou a enviar o manuscrito de *O Príncipe dos Espinhos*, merece outra palavra de apreço. Obrigado, Sharon.

A minha editora, Jane Johnson, é maravilhosa e ajudou tremendamente a minha carreira em diversas frentes. Muito provavelmente, ajudou inclusive em ocasiões de que nem me apercebi. Também adorei ler os seus livros.

Igualmente na *Voyager*, Amy McCulloch fez muito por mim. Desejo-lhe o maior sucesso para o seu primeiro romance de fantasia, que deverá ser publicado este ano.

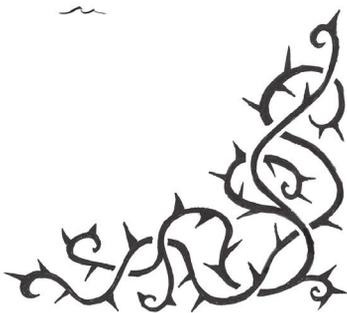
Por fim, o meu agente, Ian Drury, merece uma salva de palmas por ter levado o meu trabalho até pessoas dispostas a apostar nele, correndo riscos, e por ter continuado a vender os meus livros por todo o mundo. Gaia Banks e Virginia Ascione, com Ian da Sheil Land Associates Ltd., excederam todas as minhas expectativas, assegurando a tradução da história de Jorg em tantas línguas diferentes.

Dedicado ao meu filho Bryn.





320 quilómetros



A história até aqui

Para quem precisou de esperar um ano por este livro, ofereço uma breve sinopse dos dois volumes anteriores para vos refrescar a memória. Refiro apenas o que será relevante para a história que se segue.

- I A mãe de Jorg e o seu irmão, William, foram mortos quando ele tinha 9 anos. Jorg ficou escondido entre os espinhos e assistiu a tudo. Os assassinos foram enviados pelo seu tio.
- II O pai de Jorg, Olidan, não é um homem simpático. Quando Jorg contava 6 anos, matou-lhe o cão. E apunhalou-o no peito quando tinha 14 anos.
- III O pai de Jorg continua a governar Ancrath, tendo casado com Sareth. A irmã de Sareth, Katherine, tornou-se tia-madrasta de Jorg e um objeto de particular obsessão.
- IV Acidentalmente (ainda que não de forma inocente), Jorg matou Degran, o seu meio-irmão bebé.
- V Um homem chamado Luntar fechou a recordação que Jorg tinha do incidente numa caixa. Jorg recuperou a memória.
- VI Vários indivíduos com dotes mágicos movem-se na sombra dos muitos tronos do Império Arruinado, disputando a primazia entre si e manipulando os acontecimentos para aumentar mais ainda o seu controlo.
- VII Deixámos Jorg ainda no trono do seu tio em Renar. Os príncipes da Flecha estão mortos, o exército destes foi desbaratado

e as seis nações unidas sob a autoridade de Orrin da Flecha ofereceram-se à mão que quisesse colhê-las.

- VIII Deixámos Jorg no dia após o seu casamento com a Rainha Miana, de 12 anos.
- IX Jorg enviara homens para resgatar o seu chanceler, Coddin, ferido com gravidade e deixado na encosta.
- X O diário de Katherine foi encontrado na destruição em redor da Presença. Não se sabe se ela conseguiu sobreviver à liquidação da comitiva em que viajava.
- XI Kent Vermelho foi queimado com gravidade durante os combates.
- XII Jorg descobriu que existem fantasmas dos Construtores na rede de máquinas que deixaram para trás.
- XIII Jorg foi informado por um desses fantasmas, Fexler Brews, de que aquilo a que chama magia existe porque os cientistas Construtores alteraram a forma como o mundo funciona. Estes tornaram possível que a vontade de uma pessoa afetasse diretamente matéria e energia.
- XIV A arma que Jorg usou para pôr fim ao cerco da Presença foi trazida do local onde Fexler Brews se suicidou.
- XV Os poderes de Jorg sobre a necromancia e o fogo foram devorados pelas chamas, chegando quase a destruí-lo no final da batalha pela Presença.
- XVI O Rei Morto é uma entidade poderosa que observa os vivos a partir das terras mortas e que demonstrou particular interesse em Jorg.
- XVII Chella, uma necromante, tornou-se agente do Rei Morto.
- XVIII De quatro em quatro anos, os governantes dos cem fragmentos do império reúnem-se na capital, Vyene, para o Congresso, um período de tréguas durante o qual elegem um novo imperador. Nos cem anos desde a morte do último regente, nenhum candidato conseguiu assegurar a maioria necessária.
- XIX Na sequência narrativa «quatro anos antes», deixámos Jorg no castelo do seu avô na Costa dos Cavalos. Qalasadí, o matemago, conseguiu fugir depois de falhar no seu intuito de envenenar os nobres. Fexler, o Construtor fantasma, ofereceu a Jorg o anel de visão que permite ver imagens interativas do mundo captadas por satélites e outros recursos óticos.

PRÓLOGO

Kai erguia-se diante da pedra-velha, um bloco solitário de rocha tosca erguido nos tempos em que os homens conheciam apenas madeira, pedra e caça. Ou talvez soubessem mais do que isso, pois tinham colocado a pedra-velha num local de visão. Um ponto onde os véus se tornavam diáfanos e se erguiam e onde era possível descobrir e desvendar segredos. Um local onde o céu se mostrava um pouco mais baixo, de tal forma que os prometidos ao céu conseguiriam tocar-lhe com maior facilidade.

Os homens locais chamavam «Dedo» a esta elevação e Kai considerou que seria uma designação adequada, ainda que pouco imaginativa. Se fosse realmente um dedo, a pedra-velha erguer-se-ia sobre uma articulação. Naquele ponto, o dedo media 60 metros de largura e as suas paredes caíam abruptamente até ao pântano numa série de degraus íngremes rochosos.

Kai inspirou fundo e permitiu que o ar frio lhe enchesse os pulmões, deixando a humidade contagiá-lo e sentindo o coração acalmar, tentando ouvir a voz aguda e triste da pedra-velha, mais uma memória sonora do que um som real. A sua visão ergueu-se para o alto com um simples sussurro de dor. A extremidade da percepção de Kai elevou-se, deixando a carne para trás, ao lado do monólito. Assistia àquilo de um vale brilhante entre dois bancos irrequietos de nuvens, vendo-se como um ponto sobre o Dedo e vendo o próprio rochedo como uma simples lasca de terra a alongar-se para a

vastidão do Mar dos Juncos. Àquela distância, o rio Rill tornava-se uma fita prateada correndo para o Lago de Vidro.

Kai elevou-se mais ainda. O solo distanciou-se, tornando-se mais abstrato a cada batimento das asas que a sua mente gerava. As névoas agitavam-se e as nuvens voltaram a recebê-lo no seu frio abraço.

É assim a morte? Uma brancura fria para todo o sempre, ámen?

Kai resistiu ao apelo insistente da nuvem e voltou a encontrar o sol. Os prometidos ao céu podiam perder-se com tanta facilidade na vastidão celeste. Muitos perdiam-se realmente, abandonando a carne à sua morte e assombrando os vazios superiores. Um núcleo de egoísmo prendia Kai à sua existência. Conhecia-se demasiado bem para admitir tal coisa. Um velho eco de ganância, uma incapacidade para abdicar. Talvez fossem defeitos, mas tornavam-se ali uma vantagem que o manteria intacto.

Kai ergueu-se acima do brilho suave das nuvens, serpenteando entre as suas torres e torreões. Um seris rompeu o alabastro macio, ténue e fantasmagórico mesmo para os olhos da mente de Kai, com a sua forma sinuosa a mostrar-se e ocultar-se, medindo 30 metros de comprimento e mais largo que um homem. Kai chamou-o. A serpente das nuvens enrolou-se sobre si mesma, descrevendo círculos lânguidos enquanto se aproximava.

— Velho amigo — disse-lhe Kai. Uns cem seris esvoaçavam entre as nuvens trovejantes quando se ergueram as tempestades capazes de destruir o solo, mas cada seris sabia o que todos os seris sabiam e, para a mente de Kai, havia apenas um. Talvez os seris fossem resquícios de prometidos ao céu que tivessem esquecido a sua existência, obliterando tudo o que eram para dançarem entre as nuvens. Ou talvez sempre tivessem existido, não exigindo qualquer nascimento e não conhecendo qualquer morte.

O seris fixou em Kai o brilho azul frio das suas órbitas. Kai sentiu o arrepio do seu toque mental, lento e curioso.

— Ainda a mulher?

— Sempre a mulher. — Kai olhou para a luz nas nuvens. Nuvens arquiteturais, preparadas para serem moldadas pela mão de Deus, preparadas para serem catedrais, torres, monstros... Divertia-o que o seris acreditasse que trazia sempre a mesma rapariga ao Dedo.

Talvez o seris acredite que existirá apenas um homem, uma mulher e muitos corpos.

O seris moveu-se à volta de Kai em espiral, como se estivesse realmente presente, envolvendo-o nos seus anéis.

— Terias uma sombra?

Kai sorriu. O seris via o amor humano como nuvens a unir-se, por vezes roçando-se, por vezes alimentando uma tempestade, por vezes perdendo-se uma na outra, projetando uma sombra.

— Sim, para ter uma sombra. — A intensidade na voz de Kai surpreendeu-o. Desejava o que o seris tinha. Não apenas uma cambalhota sobre a urze. Não daquela vez.

— Cria-a. — A voz do seris ergueu-se por baixo da sua pele, mesmo que a tivesse deixado em baixo, a grande distância.

— Crio-a? Não é assim tão fácil.

— Não desejas? — O seris estremeceu. Kai percebeu que ria.

— Oh, sim. Desejo. — *Basta que ela entre na divisão em que me encontro e irrompo em chamas. O seu cheiro! Fecho os olhos e estou nos Jardins de Bethda.*

— Uma tempestade aproxima-se. — A mágoa alterava a voz do seris.

Kai intrigou-se. Não vira qualquer indício de uma tempestade.

— Erguem-se — disse o seris.

— Os mortos? — perguntou Kai, sentindo o velho medo a crescer dentro dele.

— Pior. — Uma palavra. Demasiados significados.

— Espetros? — Kai olhou fixamente. Não via nada. *Os espetros só se erguem na escuridão.*

— Erguem-se — repetiu o seris.

— Quantos? — *Que não sejam todos os sete! Por favor.*

— Muitos. Como a chuva. — O seris partiu. A névoa que lhe formava o corpo dissipou-se. Kai nunca vira um seris desfazer-se daquela forma. — Cria uma sombra. — A voz pairou no ar.

A visão de Kai mergulhou em direção ao solo. Mergulhava sobre o Dedo. Sula erguia-se na ponta, diante do abismo, um ponto branco a crescer rapidamente. A visão chocou contra o corpo, suficientemente violenta para o fazer cair de joelhos. Ergueu-se, desorientado por um momento, antes de correr em direção a Sula. Alcançou-a em menos de um minuto e curvou-se diante dela, ofegante.

— Demoraste muito tempo. — Sula virou-se quando se aproximou. — Pensei que me tivesses esquecido, Kai Summerson.

— Perdão, senhora!? — exclamou Kai, sorrindo e sentindo que a beleza dela repelia o seu pânico. Parecia-lhe uma tolice naquele momento. Do alto, não vira nada que o preocupasse.

O amuo de Sula tornou-se sorriso, o sol iluminou-lhe o rosto e, por um momento, Kai esqueceu a advertência do seris. «Os espantos viajam durante a noite.» Pegou-lhe nas mãos e ela veio até ele. Cheirava a flores. A suavidade dos seus seios contra o peito dele fez-lhe palpitar o coração. Por um momento, via apenas os olhos e os lábios dela. Os dedos de uma mão entrelaçaram-se nos dela e a outra mão desceu-lhe pelo pescoço, sentindo o seu calor pulsante.

— Não devias ficar tão perto do abismo — disse ele, embora ela lhe tivesse roubado o fôlego. Apenas um metro atrás dela, a ponta do Dedo transformava-se num penhasco de 60 metros, descendo a pique para o pântano em redor.

— Falas como o meu pai. — Sula inclinou a cabeça e encostou-se a ele. — Sabes que chegou a dizer-me para não te acompanhar hoje? Disse-me que Kai Summerson é um traste sem berço. Quis que ficasse fechada em Morltown enquanto se ocupava dos seus negócios.

— O quê? — Kai soltou as mãos de Sula. — Disseste que tinha concordado.

Sula riu-se e falou com voz grossa.

— Não autorizarei a minha filha a andar por aí com um capitão dos Guardiões! — Riu-se e voltou à voz normal. — Sabes que considera que tens uma «reputação»?

Kai tinha realmente uma reputação e um homem como Merik Wineland podia dificultar-lhe muito a vida.

— Ouve, Sula. Será melhor irmos. Poderá haver problemas a caminho.

Pequenas rugas suspenderam a perfeição da testa de Sula.

— Problemas a caminho?

— Tinha um motivo oculto para te trazer aqui — admitiu Kai.

Sula sorriu. Outras raparigas teriam corado.

— Não foi isso — disse Kai. — Bom... também foi isso. Mas ordenaram-me que verificasse a área. Que observasse o pântano.

— Passei a tua ausência junto ao abismo, a observar. Não há nada lá em baixo! — Sula afastou dele os olhos e apontou o infinito verde do terreno alagado. A seguir, viu. — O que é aquilo?

Do outro lado do Mar de Juncos, uma névoa crescia. Avançava em correntes brancas, alastrando a partir do leste, com o sol poente a tingi-la com cor de sangue.

— Vêm aí. — Kai esforçou-se para falar. Conseguiu encontrar a voz e tentou um sorriso confiante. Sentiu que parecia mais um

esgar. — Sula, devemos apressar-nos. Preciso de informar o Forte Aral. Acompanho-te além dos Mextens e deixo-te em Redrocks. Ficarás a salvo lá. Uma carruagem levar-te-á até Morltown.

Os dardos voaram com um ruído que fazia lembrar alguém a soprar velas. Foi uma sucessão de sopros bruscos. Três cravaram-se imediatamente abaixo da axila direita de Sula. Três dardos finos e negros, contrastando com a brancura do seu vestido. Kai sentiu a pontada no pescoço como uma picada de moscardos.

As aberrações do pântano ergueram-se acima da ponta do Dedo, cinzentas e fazendo lembrar aranhas, rápidas e silenciosas. Kai puxou a espada curta da sua bainha. Pareceu-lhe mais pesada que chumbo. A dormência chegara-lhe já aos dedos e a espada caiu-lhe da mão perra.

Uma tempestade aproxima-se.

1



Traí o meu irmão. Fiquei escondido entre os espinhos, deixei-o morrer e o mundo permanece errado desde essa noite. Traí-o e, apesar de ter deixado muitos irmãos morrerem depois disso, essa primeira dor não diminuiu. A melhor parte de mim ainda permanece presa naqueles espinhos. A vida conseguirá arrancar o que um homem tem de mais vital, puxando-o, um farrapo de cada vez, e deixando-o de mãos vazias e devastado pelos anos. Cada homem tem os seus espinhos, não lhe pertencem, mas estão cravados nele, tão profundamente como ossos. As cicatrizes do espinheiro marcam-me com uma caligrafia de violência, uma mensagem escrita a sangue, exigindo uma vida inteira para traduzir.

A Guarda Dourada vem sempre no meu dia de anos. Vieram quando fiz 16 anos. Vieram pelo meu pai e pelo meu tio no dia em que fiz 12 anos. Cavalguei com os irmãos e vi o batalhão da guarda a caminho de Ancrath pela Grande Estrada Ocidental. Quando fiz 8 anos, vi-os pela primeira vez, a cruzarem os portões do Castelo Alto nos seus ganhões brancos. Will e eu olhámo-los, maravilhados.

Hoje, vi-os com Miana a meu lado. A Rainha Miana. Avançaram ruidosamente, passando portões diferentes e entrando num castelo diferente, mas o efeito foi praticamente o mesmo. Uma maré dourada. Pensei se a Presença conseguiria alojá-los a todos.

— Capitão Harran! — chamei. — Bons olhos o vejam. Aceita uma cerveja? — Apontei as mesas de campanha colocadas diante

dele. Tinha ordenado que trouxessem os nossos tronos para a varanda para podermos assistir à chegada.

Harran desmontou, resplandecente dentro do seu aço temperado a fogo. Eram centenas. Sete batalhões de 50, para ser exato. Um batalhão por cada um dos meus territórios. Quando vieram quatro anos antes, merecera um único batalhão, mas era já Harran quem comandava.

— Agradeço, Rei Jorg — disse, elevando a voz. — Mas teremos de partir antes do meio-dia. As estradas para Vyene estão piores do que esperávamos. Precisaremos de esforço para chegar ao Portão antes do Congresso.

— Seguramente não afastarão um rei dos festejos do seu aniversário para ir ao Congresso? — Beberriquei a cerveja e ergui o cálice. — Completo hoje o meu vigésimo ano de vida, sabe?

Harran encolheu os ombros, parecendo lamentar genuinamente, e virou-se para inspecionar as suas tropas. Tinham entrado já mais de 200 homens. Impressionar-me-ia que conseguisse enfiar a totalidade dos 350 no interior da Presença. Mesmo com a ampliação feita durante a reconstrução, o pátio dianteiro não era propriamente espaçoso.

Inclinei-me para Miana e coloquei uma mão sobre o seu ventre redondo.

— Receia que possa haver outra votação inconclusiva, se eu não for.

Miana sorriu ao ouvir aquilo. A última votação que estivera perto de um resultado decisivo ocorrera no segundo Congresso. O trigésimo terceiro não estaria mais próximo de sentar um imperador no trono do que os 30 anteriores.

Makin passou os portões na retaguarda da coluna, trazendo consigo cerca de uma dezena dos meus cavaleiros, depois de escoltarem Harran pelo Planalto. Uma escolta puramente simbólica, já que ninguém no seu perfeito juízo, e menos ainda no seu juízo imperfeito, se atravessaria no caminho de um batalhão da Guarda Dourada. Muito menos no caminho de sete.

— Percebes por que terei de te abandonar, Miana, mesmo que o meu filho esteja prestes a abrir caminho até ao mundo. — Senti-o pontapear sob a minha mão. Miana moveu-se no seu trono. — Não posso dizer que não a sete batalhões.

— Um dos batalhões é para Lorde Kennick, sabes? — disse ela.

— Quem? — perguntei, provocando-a.

— Às vezes, acho que te arrependes de teres tornado Makin o lorde de Kennick. — Franzuiu a testa enquanto me olhava, num gesto que conhecia muito bem.

— Acho que ele também se arrepende. Não terá passado aqui mais de um mês nos últimos dois anos. Ordenou que levassem a melhor mobília do salão do Barão para os seus aposentos.

Calámo-nos, vendo os guardas a tentarem encaixar-se no espaço limitado do pátio. A disciplina que demonstravam envergonharia qualquer outro soldado. Até mesmo a cavalaria da Costa dos Cavalos do meu avô pareceria um grupo desordenado ao lado da Guarda Dourada. No passado, maravilhara-me com a qualidade da guarda que acompanhava Orrin da Flecha nas suas deslocações, mas aqueles homens eram de uma classe à parte. Não havia um único homem das centenas que não brilhasse ao sol, com a sua armadura polida e sem mostrar qualquer marca do pó ou do uso. O último imperador tivera bolsos fundos e a sua guarda pessoal continuava a enfiar neles a mão quase dois séculos após a sua morte.

— Será melhor que desça. — Fingi querer levantar-me. Agradava-me o conforto. Três semanas de estrada não conseguiam agradar-me.

— Será. — Miana mastigava uma malagueta. O seu paladar fora de um extremo ao outro nos meses anteriores. Ultimamente, voltara aos sabores escaldantes da sua pátria na Costa dos Cavalos. Tornava os seus beijos uma aventura e tanto. — Mas, antes disso, deverei dar-te o teu presente.

Arqueei uma sobrancelha ao ouvir aquilo e toquei-lhe o ventre.

— Está pronto para sair do forno?

Miana afastou a minha mão e gesticulou a um criado nas sombras do salão. Ocasionalmente, continuava a parecer a criança que chegara quando a Presença se encontrava cercada e praticamente perdida. A um mês de completar 15 anos, a mais pequena das criadas continuava a ser maior que ela, mas a gravidez acrescentara-lhe algumas curvas, pelo menos, enchendo-lhe o peito e dando-lhe alguma cor às bochechas.

Hamlar trouxe algo por baixo de um pano de seda. Algo longo e fino, mas não o suficiente para ser uma espada. Estendeu-me o objeto com uma vénia ligeira. Servira o meu tio durante 20 anos, mas nunca me dirigiu sequer um olhar azedo depois de me ter livrado do seu anterior empregador. Retirei o pano.

— Um pau? Não devias ter-te dado ao trabalho, querida. — Presionei os lábios ao dizer aquilo. Era um pau apazível, sem dúvida. Não reconheci a madeira.

Hamlar pousou o pau sobre a mesa entre os tronos e partiu.

— É um bastão — disse Miana. — *Lignum Vitae*. Duro e suficientemente pesado para se afundar na água.

— Um pau capaz de me afogar...

Voltou a acenar e Hamlar regressou com um volume pesado da biblioteca. Trazia-o aberto à sua frente numa página específica assinalada com um marcador de marfim.

— Diz aqui que o senhor de Orlanth possui o direito hereditário de empunhar o seu bastão no Congresso. — Miana pousou um dedo sobre a passagem relevante.

Ergui o bastão com interesse renovado. Parecia-me que segurava uma barra de ferro nos dedos. Como rei do Planalto, da Flecha, de Belpan, Conaught, Normardia e Orlanth, sem referir a soberania sobre Kennick, parecia-me que passara a ser suficientemente régio para empunhar um pau enquanto todos os outros deveriam apresentar-se desarmados. E, graças à minha pequena rainha de bochechas rosadas e rosto travesso, o meu pau seria um bastão de madeira férrea capaz de rachar o crânio a um homem de elmo.

— Obrigado — disse-lhe. Nunca fora um homem muito sentimental, mas agradava-me pensar que nos compreendíamos suficientemente bem para que percebesse quando algo me agradava.

Movi o bastão num movimento experimental e encontrei inspiração suficiente para me erguer do trono.

— Visitarei Coddin antes de partir.

As enfermeiras de Coddin esperavam a minha visita. A porta dos seus aposentos permanecia aberta, com as portadas escancaradas e paus de almíscar acesos. Mesmo assim, o fedor do ferimento espalhava-se pelo ar. Em breve, teriam passado dois anos desde que a flecha o atingira e, mesmo assim, o ferimento permanecia infetado e por cicatrizar sob a ligadura do físico.

— Jorg. — Acenou-me da cama, colocada junto à janela e com o colchão erguido para poder assistir à chegada da guarda.

— Coddin. — Voltei a sentir a velha e familiar culpa sem motivo claro.

— Despediste-te dela?

— De Miana? Claro. Bom...

— Dará à luz o teu filho, Jorg. Sozinha. Enquanto viajas.

— Não estará sozinha. Tem uma multidão de criadas e aias. Não sei os seus nomes e não consigo reconhecer metade. Parece haver uma nova a cada dia.

— Contribuíste para o que vai acontecer, Jorg. Sabe que estarás ausente quando chegar o momento e ser-lhe-á mais difícil. Deverias, pelo menos, despedir-te de forma digna.

Só Coddin me repreendia daquela forma.

— Disse-lhe... obrigado. — Ergui o meu novo bastão. — Um presente.

— Quando tiveres terminado aqui, volta lá acima. Diz as coisas certas.

Acenei a cabeça de uma forma que significava «talvez». Pareceu satisfazê-lo.

— Nunca me canso de ver aqueles rapazes nos seus cavalos — disse ele, olhando novamente as fileiras reluzentes em baixo.

— A prática gera a perfeição. Mas seria melhor que praticassem a guerra. Conseguir fazer um cavalo recuar para um canto apertado pode ser vistoso, mas...

— Aproveita o espetáculo! — Abanou a cabeça, tentando esconder um esgar. A seguir, olhou-me. — Que posso fazer por ti, meu rei?

— O mesmo de sempre — disse-lhe. — Conselhos.

— Não precisarás deles. Não conheço Vyene. Nem de longe. Não sei nada que possa ajudar-te na Cidade Santa. A inteligência e todo esse saber livresco ser-te-ão suficientes. Sobreviveste ao último Congresso, não?

Deixei aquela memória arrancar-me um sorriso forçado.

— Talvez tenha algo que se assemelhe a inteligência, velho, mas o que procuro em ti é a tua sabedoria. Sei que pediste que te trouxessem a minha biblioteca a esta câmara, um livro de cada vez. Os homens procuram-te com relatos e rumores oriundos de todos os cantos. O que mais me favorecerá em Vyene? Em quem deverei depositar os meus sete votos?

Aproximei-me mais sobre as lajes nuas. Coddin nunca deixara de ser um soldado. Não admitia tapetes ou carpetes, mesmo como inválido.

— Não queres ouvir a minha sabedoria, Jorg. Se for realmente sabedoria. — Coddin virou-se novamente para a janela e o sol

iluminou a sua verdadeira idade, fixando-se nas rugas de dor que se haviam tornado permanentes.

— Esperei que mudasses de ideias — disse-lhe. Havia caminhos duros e caminhos ainda mais duros.

O fedor da sua ferida tornou-se mais forte quando me aproximei. A podridão rói-nos os calcanhares desde que nascemos. O cheiro da podridão recorda-nos para onde os nossos passos nos conduzem, qualquer que seja a direção que sigam.

— Vota com o teu pai. Reconcilia-te com ele.

É frequente que os bons medicamentos tenham um péssimo sabor, mas algumas pílulas são demasiado amargas para engolir. Esperei para afastar a raiva da voz.

— Foi com grande esforço que consegui não marchar com os meus exércitos para Ancrath, arrasando tudo. Se evitar uma guerra aberta exigiu tanto esforço... como poderá haver reconciliação?

— Vocês são parecidos. O teu pai talvez seja um pouco mais frio, mais severo e com menor ambição, mas és fruto da mesma árvore e foste moldado por males semelhantes.

Só Coddin sobreviveria depois de me dizer que eu era filho do meu pai. Só um homem que já morrera ao meu serviço e que apodrecia por me ser fiel conseguiria dizer a verdade.

— Não preciso dele — disse-lhe.

— Esse teu fantasma, esse Construtor, não te disse que dois Ancrath juntos poriam fim ao poder das mãos ocultas? Pensa, Jorg! Sageous atizou o teu tio contra ti, queria-te sepultado com o teu irmão. Não tendo conseguido isso, cravou uma cunha entre pai e filho. E o que anularia o poder de homens como Sageous, da Irmã Silenciosa, de Skilfar e dos da sua igualha? A paz. Um impedidor no trono. Uma única voz de comando. Dois Ancrath! Pensas que o teu pai passou todo este tempo ocioso? Os anos do teu amadurecimento e os anos anteriores? A sua ambição pode não ser tão extensa quanto a tua, mas também existe. O Rei Olidan é influente em muitas cortes. Não direi que tem amigos, mas inspira lealdade, respeito e medo em igual medida. Olidan conhece segredos.

— Também eu conheço segredos. — Muitos que preferia não conhecer.

— Os Cem não seguirão o filho enquanto o pai se erguer diante deles.

— Então devo destruí-lo.

— O teu pai escolheu esse caminho. Tornou-te mais forte.

— Vacilou no final. — Olhei para a minha mão, recordando a forma como a ergui do meu peito, pingando escarlate. O meu sangue. A faca do meu pai. — Vacilou. Eu não vacilarei.

Se tivesse sido o bruxo dos sonhos a cravar a cunha entre nós, fizera um bom trabalho. Não me cabia perdoar o meu pai. Duvidei que conseguisse aceitar o meu perdão.

— As mãos escondidas poderão acreditar que dois Ancrath poriam fim ao seu poder. Mas eu acredito que um será suficiente. Foi suficiente para Corion. Para Sageous. Serei suficiente para todos eles se pretenderem travar-me. Seja como for, sabes que estima me merecem as profecias.

Coddin suspirou.

— Harran espera-te. Ouviste o meu conselho. Leva-o contigo. Não te abrandará.

Os capitães dos meus exércitos, nobres do Planalto, uma dezena de lordes vindos de vários cantos dos sete reinos para apresentar petições e vintenhas de testemunhas, esperavam-me no átrio principal diante dos portões da fortaleza. O momento em que poderia escapar-me... fora-se. Saudei a multidão com uma mão erguida.

— Milordes, guerreiros da minha casa, parto para o Congresso. Asseguro-vos de que levarei comigo os vossos interesses juntamente com os meus e de que os apresentarei com a minha habitual mistura de tato e diplomacia.

Aquilo motivou uma gargalhada. Sangrara muitos homens até à morte para conquistar o meu pequeno canto do império e sentia que devia jogar aquele jogo pela minha corte, desde que isso não me custasse nada. Além disso, os seus interesses eram próximos dos meus. Nisso, não mentia.

Encontrei o Capitão Marten na multidão, alto e curtido pelos elementos. Não restava nele nada do lavrador. Não lhe atribuíra patente superior a capitão, mas o homem tinha comandado cinco mil soldados e mais ainda em meu nome.

— Mantém-na a salvo, Marten. Mantém-nos salvos aos dois. — Pousei-lhe uma mão no ombro. Não precisava de dizer mais nada.

Entrei no pátio flanqueado por dois cavaleiros da minha mesa, Sir Kent e Sir Riccard. A brisa primaveril não conseguia afastar com rapidez suficiente o cheiro a suor de cavalo e a manada de

mais de 300 parecia esforçar-se para deixar o local soterrado em estrume até à altura dos joelhos. Aprendi que será sempre melhor apreciar cavalaria numerosa a alguma distância.

Makin fez avançar o cavalo entre as fileiras para chegar até nós.

— Que contes muitos, Rei Jorg!

— Veremos — repliquei. Tudo aquilo me parecia demasiado confortável. Brincar às famílias felizes com a minha pequena rainha em cima. Votos de parabéns e uma escolta dourada em baixo. Vida demasiado confortável e demasiada paz conseguirão asfixiar mais um homem do que qualquer corda.

Makin arqueou uma sobrancelha, mas não disse nada. Continuava a sorrir.

— Os teus conselheiros estão prontos para a viagem, Sire. — Kent começara a chamar-me «Sire» e parecia mais feliz assim.

— Deverias levar contigo sábios e não homens de armas — disse Makin.

— E quem trará tu, Lorde Makin? — Tinha decidido deixá-lo escolher o conselheiro que o seu voto único lhe permitia trazer ao Congresso.

Apontou um velho magro do outro lado do pátio. O seu rosto era ossudo e o vento soprava-lhe a capa vermelha.

— Osser Gant. Camareiro-mor do falecido Barão de Kennick. Quando me perguntarem quanto custará o meu voto, Osser será o homem que saberá o que terá ou não valor para Kennick.

Não consegui evitar o sorriso. Podia fingir o contrário, mas parte do velho Makin queria desempenhar o seu papel como um dos Cem em grande estilo. Ainda não era claro se modelaria o seu governo no do meu pai ou no do Príncipe da Flecha.

— Não há grande coisa em Kennick que não seja pântano e o que mais faz falta aos Pântanos de Ken é madeira. Estacas, para que as casas enlameadas dos teus camponeses não se afundem da noite para o dia. É isso que te dou. Não deixes que o teu homem o esqueça.

Makin tossiu como se o pântano se tivesse infiltrado no seu peito.

— Quem levas como conselheiros?

Não fora uma escolha difícil. A última viagem de Coddin fora a sua descida em braços da montanha depois da batalha pela Presença. Não voltaria a viajar. Tinha bastantes cabeças grisalhas na corte, mas nenhuma cujo conteúdo valorizasse.

— Tens dois deles à tua frente. — Indiquei com a cabeça. Sir Kent e Sir Riccard. — Rike e Grumlow esperam no exterior. Keppen e Gorgoth estão com eles.

— Cristo, Jorg! Não podes levar Rike! É a corte imperial! E Gorgoth? Nem sequer sente por ti algo que se assemelhe a afeto.

Desembainhei a espada com um movimento fluido e brilhante. Centenas de elmos dourados viraram-se para seguir o arco que descreveu. Ergui a lâmina bem alta, virando-a nesta e naquela direção para refletir o sol.

— Não será a minha primeira vez no Congresso, Makin. Conheço os jogos que lá se jogam. Este ano, jogaremos um jogo novo. O meu. E levarei as peças certas.

2



Várias centenas de cavaleiros levantam muito pó. Deixámos os Matteracks envoltos num manto de criação nossa, com a Guarda Dourada a alongar-se sobre quilómetro e meio de trilho montanhoso serpenteante. O seu brilho não sobreviveu durante muito tempo e, quando chegámos à planície, o dourado tornara-se cinzento.

Makin e eu cavalgávamos a par pelo caminho acidentado em que encontráramos outrora o Príncipe da Flecha, a caminho do meu portão. Makin parecia mais velho, com algumas manchas grisalhas no cabelo preto e rugas a marcar-lhe a testa. Na estrada, Makin parecera sempre feliz. Desde que nos tornáramos homens de fortuna e de castelos, começara a preocupar-se.

— Sentirás a sua falta? — perguntou-me. Durante uma hora, apenas se ouviu o bater dos cascos sobre o solo pedregoso até que, sem aviso: — Sentirás a sua falta?

— Não sei. — Afeiçoara-me à minha pequena rainha. Quando queria, conseguia excitar-me, tal como a maioria das mulheres. Não é difícil agradecer à minha vista. Mas não ardia de desejo por ela. Não precisava de a possuir, de a manter diante dos olhos. Era mais do que um afeto passageiro. Gostava realmente dela, respeitava a sua mente ágil e o que conseguia transmitir-me sem palavras. Mas não a amava. Não sentia o amor irracional e tolo que consegue esmagar um homem, arrastá-lo e deixá-lo perdido em costas desconhecidas.

— Não sabes? — perguntou-me.

— Descobriremos, não é? — respondi-lhe.

Makin abanou a cabeça.

— Dificilmente serás o campeão do amor verdadeiro, Lorde Makin — disse-lhe. Em seis anos, desde a nossa chegada à Presença, não tivera qualquer mulher e, se tivesse tido uma amante ou até uma pega preferida, escondera-as bem.

Encolheu os ombros.

— Perdi-me na estrada, Jorg. Foram anos negros para mim. Não sou companhia adequada para qualquer mulher que deseje.

— O quê? E eu sou? — Virei-me na sela para o encarar.

— Eras jovem. Um rapaz. O pecado não se cola à pele de uma criança como à pele de um homem.

Foi a minha vez de encolher os ombros. Parecia mais feliz quando assassinava e roubava do que recordando os tempos nos seus salões de teto alto. Talvez precisasse apenas de se preocupar outra vez com alguma coisa. Talvez só assim conseguisse deixar de se preocupar.

— É uma boa mulher, Jorg. E, em breve, fará de ti um pai. Já pensaste nisso?

— Não — respondi. — Esqueci-me completamente. — A verdade era que esse pensamento preencheria cada hora que passara desperto e também algumas das minhas horas de sonho, mas não consegui aceitar a ideia. Sabia que surgiria em breve uma criança guinchante, mas o que significaria isso para mim? O que significava ser pai? Não conseguia perceber sequer por onde começar a pensar no assunto. Coddin disse-me que saberia o que sentir quando o momento chegasse. O instinto guiar-me-ia. Alguma coisa gravada no meu sangue. Talvez acontecesse. Talvez surgisse de repente como um espirro quando há pimenta no ar, mas, até acontecer, não tinha forma de o imaginar.

— Talvez sejas um bom pai — disse Makin.

— Não. — Quer conseguisse compreender de alguma forma o processo ou não, seria um mau pai. Desiludira o meu irmão e, sem dúvida, desiludiria também o meu filho. De alguma forma, a maldição sobre mim, lançada por Olidan de Ancrath, que, provavelmente, teria herdado do seu pai, contagiaria qualquer filho meu.

Makin franziu os lábios, mas teve a cortesia ou a sabedoria de não discutir.

*

Não há muito do Planalto de Renar que seja suficientemente plano para permitir colheitas, mas, perto da fronteira com Ancrath, a terra deixa de subir e descer durante distância suficiente para permitir a agricultura e abrigar uma espécie de cidade. Hodd, a minha capital. Conseguia ver a sua mancha no horizonte.

— Acamparemos aqui — afirmei.

Makin inclinou-se sobre a sela para o dizer a Sir Riccard e este ergueu o meu estandarte na ponta da sua lança.

— Conseguiríamos chegar a Hodd — disse Makin. — Entraríamos cerca de uma hora depois do pôr do sol.

— Camas más, oficiais de sorriso forçado e pulgas. — Desci da sela de *Brath*. — Preferiria dormir numa tenda.

Gorgoth sentou-se. Deixou os guardas ocuparem-se à sua volta, prendendo os cavalos, organizando-se para alimentá-los, erguendo tendas, cada uma com tamanho suficiente para seis homens, com duas fitas a ondularem do ponto mais alto: negro e dourado, as cores do imperador. Keppen e Grumlow pousaram os alforques ao lado do leucrota e sentaram-se sobre eles para jogar dados.

— Deveríamos, pelo menos, passar pela cidade amanhã, Jorg. — Makin prendeu o saco de ração sobre a boca da sua montada e voltou-se novamente para mim. — As pessoas adoram ver a guarda passar. Não poderás, pelo menos, permitir-lhes isso?

Encolhi os ombros.

— Deveria ser suficiente a minha decisão de manter a corte no Planalto. Achas que esqueceram que tenho um palácio na Flecha maior do que a cidade de Hodd inteira?

Makin manteve os olhos fixos nos meus.

— Por vezes, parece-me que foste tu a esquecê-lo, Jorg.

Virei-me e agachei-me para ver os dados. A dor nas coxas fez-me perceber que tinha passado tempo demais no trono, na cama e no salão de banquetes. Makin tinha razão. Devia viajar pelos meus sete reinos, mesmo que o fizesse apenas para passar tempo na estrada e manter as lições da estrada bem frescas na minha memória.

— Filho da puta! — exclamou Keppen, cuspido no chão. Os cinco dados de Grumlow tinham seis voltados para cima. Keppen começou a esvaziar a sua bolsa, voltou a cuspir e atirou a bolsa inteira aos pés de Grumlow. Abanei a cabeça. Parecia um desperdício de sorte enfrentar tais probabilidades apenas por uma bolsa de dinheiros.

— Não esgotes a sorte toda, Irmão Grumlow. Podes precisar dela mais tarde. — Ergui-me, contendo uma praga dirigida às minhas pernas.

Não quisera viver no palácio que o Príncipe Orrin construía para Katherine. Passei algumas semanas aí depois de termos conseguido estabelecer uma aliança com os lordes sobreviventes da Flecha. O edifício recordava-me Orrin. Tinha um esplendor austero, com arcos altos e colunas de pedra branca. Podia ter sido copiado das ruínas da Macedónia, onde Alexandre ascendeu à grandeza. Passei pelos seus muitos quartos, levando os irmãos como meus guardas e enquanto os meus capitães planeavam a captura das conquistas restantes da Flecha. O palácio parecera deserto, apesar das centenas de criados, todos eles desconhecidos. Lembro-me de ter partido com agrado para garantir a posse da Normardia, sendo de alguma forma um alívio, apesar de se ter revelado a mais sangrenta das campanhas dessa primavera.

Se a vida na Presença me tinha amaciado em demasia para aguentar um dia passado na sela, seria sensato evitar o luxo palaciano. As montanhas eram preferíveis às planícies. O uivo do vento entre picos cobertos de neve era preferível ao ar peçonhento soprado do Mar Silencioso, arrastando consigo o fedor das Ilhas Afogadas. Além disso, era em Ancrath e em Renar que o sangue da minha família corria com maior vigor. Podia não ansiar pelo calor da vida familiar, mas, em momentos de perturbação, será mais sensato deixar-se rodear por súbditos que o seguirão por força do hábito do que por aqueles que o seguirão motivados por um medo recente.

Uma chuva ligeira começou a cair enquanto a luz do dia ia esmorecendo. Fechei mais a capa e dirigi-me a uma das fogueiras.

— Uma tenda para o rei! — gritou Sir Riccard, puxando pelo braço um guarda que passava.

— Um pouco de água não me fará mal — disse-lhe. Riccard era bom espadachim e um homem corajoso. Mas deixava-se empolgar demasiado pela patente e pelo gosto que tinha em gritar.

O tempo passado à volta de uma fogueira, entre o bulício de guerreiros, agradava-me mais do que ver o interior de uma tenda agitar-se com o vento, imaginando o que poderia esconder-se do lado de fora. Vi os guardas organizarem o seu acampamento e deixei que o cheiro das panelas de guisado me provocasse o olfato.

Com uma força de mais de 300 homens, um pequeno exército, todas as questões simples da vida na estrada exigem disciplina.

Torna-se necessário escavar as trincheiras para as latrinas, organizar sentinelas num perímetro defensivo, levar os cavalos a pastar e a beber. Não voltaria a simplicidade que se adequava ao nosso bando de irmãos nas estradas da minha infância. A escala mudava tudo.

Um capitão da guarda trouxe-me uma cadeira. Era uma peça de mobiliário de campanha dobrável, que voltaria a transformar-se numa embalagem aprumada e plana, com cantos reforçados de latão para suportar os solavancos da viagem. O Capitão Harran encontrou-me sentado nela com uma malga de veado com batatas no colo. Seria, sem dúvida, comida das minhas provisões na Presença. A guarda abastecia-se onde parava. Era um tipo de roubo de estrada legalizado pelos últimos ecos do império.

— Há um padre que deseja ver-te — disse Harran. Deixei-o acrescentar «Rei Jorg» sobre o meu silêncio expectante. Os capitães da Guarda Dourada sentiam um desprezo contido pelos Cem e seria provável que se rissem dos nossos títulos no interior dos seus elmos tão brilhantes.

— Um padre? Talvez seja o Bispo de Hodd? — perguntei. A Guarda Dourada também não tem grande respeito pela Igreja de Roma, um legado secular pontuado por disputas ferozes entre imperadores e papas. Para os lealistas imperiais, Vyene é a cidade sagrada e Roma é irrelevante.

— Sim, um bispo — admitiu Harran.

— O chapéu tonto denuncia-os — expliquei. — Sir Kent, podes escotar o Padre Gomst até ao nosso pequeno círculo piedoso? Não quero que a Guarda lhe provoque dissabores.

Recostei-me na cadeira e bebi de uma caneca de cerveja que me trouxeram. Era amarga, oriunda das cervejarias de Ostreich. Rike fitava a fogueira, roendo um osso da sua refeição. A maioria dos homens olha as chamas em busca de respostas no mistério da sua dança luminosa. Rike limitava-se a franzir o cenho. Gorgoth aproximou-se e conseguiu abrir caminho com cotoveladas até ficar iluminado. Tal como eu, tinha alguma compreensão quando olhava as chamas. A magia que Gog me emprestara ardera dentro de mim até não restar nada no dia em que rechaçámos da Presença os homens da Flecha. Nunca fora verdadeiramente minha. Parecia-me que Gorgoth molhara as mãos nas águas em que Gog nadava. Não era prometido à chama como Gog, mas havia um toque da mesma força a fluir nas suas veias.

Grumlow alertou-nos para a aproximação do Bispo Gomst, apontando a mitra visível sobre as cabeças dos guardas alinhados diante da tenda que servia de cantina. Vimo-lo surgir entre a multidão com vestes cerimoniais completas, apoiando-se no cajado e arrastando os pés, embora não fosse mais velho que Keppen, que era capaz de subir uma montanha a correr antes do almoço, se fosse necessário.

— Padre Gomst — disse-lhe. Tratava-o assim desde que me tornara capaz de lhe chamar alguma coisa e não via qualquer motivo para mudar apenas porque passara a usar um chapéu novo.

— Rei Jorg. — Baixou a cabeça. A chuva intensificara-se.

— Que traz o Bispo de Hodd aqui numa noite chuvosa em que poderia aquecer-se diante das velas votivas acesas na sua catedral? — Era uma referência sensível, já que a catedral permanecia parcialmente construída. Continuava a provocar o velho Gomsty como se continuasse preso na jaula em que o encontrámos anos antes, na Estrada dos Espetros. O meu tio ultrapassara as suas capacidades quando encomendou a construção da catedral, um projeto mal pensado no mesmo ano em que a minha mãe me colocou no mundo. Talvez também essa tivesse sido uma má decisão. De qualquer forma, o dinheiro esgotara-se. As catedrais não eram baratas. Nem mesmo em Hodd.

— Precisava de falar contigo, meu rei. E será melhor fazê-lo aqui do que na cidade. — Gomst erguia-se com a chuva a pingar-lhe das curvas do cajado, parecendo miserável dentro das suas vestes ricas.

— Tragam uma cadeira ao homem — gritei. — Não podemos deixar um homem de Deus de pé na lama. — E, com voz mais baixa: — Diz-me, Padre Gomst.

Gomst demorou-se a sentar, ajustando a túnica de bainha enlameada. Esperei que trouxesse consigo um padre ou dois ou, pelo menos, um acólito para lhe erguer a capa. Mas o meu bispo sentava-se diante de mim sozinho, encharcado e parecendo mais velho do que era.

— Houve um tempo em que os mares se ergueram, Rei Jorg. — Apertava com força o cajado e fixava os olhos na outra mão colocada sobre o colo. Gomst nunca contava histórias. Reprendia ou lisonjeava, de acordo com a natureza do seu público.

— Os mares erguem-se todos os dias, Padre Gomst — afirmei. — A lua puxa as águas profundas tal como puxa o sangue

das mulheres. — Sabia que falava do Dilúvio, mas agradava-me atormentá-lo.

— Há anos incontáveis, os mares eram mais baixos, quando as Ilhas Afogadas estavam unidas, constituindo a terra ampla de Brettan, e quando as Terras do Nunca alimentavam um império, antes de serem roubadas pelo Mar Silencioso. Mas o nível das águas subiu e mil cidades se afogaram.

— E parece-te que os oceanos se preparam para nova dentada? — Sorri e estendi uma mão para aceitar a chuva. — Choverá durante 40 dias e noites?

— Tiveste uma visão? — Uma pergunta forçada de pulmões queimados. Kent Vermelho viera agachar-se ao lado da cadeira de Gomst. Desde que sobrevivera ao inferno da Presença, Sir Kent desenvolvera um caso sério de religião.

— Parece-me que escolhi bem quando decidi instalar a corte nas montanhas — afirmei. — Talvez o Planalto se torne o reino insular mais rico no novo mundo.

Sir Riccard riu-se disto. Raramente dizia uma graça que não o divertisse. Makin contorceu o rosto, mostrando os dentes. Confiava mais naquilo.

— Falo de uma subida diferente das águas, de uma maré mais escura — continuou Gomst. — Parecia determinado em fingir-se profeta. — Diz-se em cada convento, da Flecha, de Belpan, da Normardia. Do Norte frio aos Reinos Portuários. As freiras mais piedosas sonham com isso. Os eremitas abandonam as suas grutas para falarem do que a noite lhes traz. Os ícones sangram para testemunhar a verdade. O Rei Morto prepara-se. Navios negros preparam-se para levantar âncora. As sepulturas esvaziam-se.

— Enfrentámos os mortos e vencemos. — A chuva parecia-me mais fria.

— O Rei Morto venceu os últimos senhores de Brettan. As Ilhas pertencem-lhe na totalidade. Tem uma frota pronta para zarpar. Os mais santos preveem a chegada de uma maré negra. — Gomst olhou-me.

— Viste-o, Gomst? — perguntei-lhe.

— Não sou santo.

Aquilo convenceu-me. Da sua crença e do seu medo, pelo menos. Sabia que Gomst era um canalha. Um devasso com barba de bode, sempre preocupado com o seu próprio conforto acima de qualquer outra coisa e com predileção por oratória grandiosa e

vazia. Quando era franco, conseguia ser mais eloquente que qualquer outro homem.

— Virás ao Congresso comigo. Partilharás estas notícias diante dos Cem.

Arregalou os olhos ao ouvir aquilo e a chuva foi defletida pelos lábios que gaguejaram:

— Não... a minha presença não se adequaria.

— Virás como um dos meus conselheiros — disse-lhe. — Sir Riccard ceder-te-á o seu lugar.

Ergui-me, sacudindo a água do cabelo.

— Maldita chuva. Harran! Indica-me a minha tenda. Sir Kent, Riccard, acompanhem o bispo de volta à sua igreja. Não quero que seja atormentado por qualquer fantasma ou aberração no regresso.

O Capitão Harran esperara no círculo em redor da fogueira seguinte e conduziu-me ao meu pavilhão, maior que o dos guardas, com couro estendido no chão e coberto por almofadas negras e douradas. Makin seguiu-me de perto, tossindo e sacudindo a chuva. Era o meu guarda-costas, apesar de lhe ter sido preparada também uma tenda como Barão de Kennick. Despi a capa com um movimento rápido dos ombros, que caiu no chão com um ruído molhado, vertendo água.

— Gomst envia-nos para a cama com sonhos doces — comentei, olhando em redor. Uma arca de provisões à minha esquerda e uma bacia num suporte do lado oposto. Lanternas prateadas queimando óleo sem fumo iluminaram-me no caminho até à cama de madeira esculpida, com quatro postes, montada a partir de peças trazidas por uma dezena de guardas diferentes.

— Não tenho fé em sonhos. — Makin pôs a capa de parte e abanou-se como um cão molhado. — Ou no bispo.

Um tabuleiro de xadrez fora preparado sobre uma mesa delicada ao lado da cama, feito de mármore preto e branco, com peças de prata decoradas com rubis ou esmeraldas para indicar a que lado pertenciam.

— A guarda ergue tendas maiores que os meus salões na Presença — afirmei.

Makin baixou a cabeça.

— Não confio em sonhos — insistiu.

— As mulheres de Hodd não vestem azul. — Comecei a abrir as fivelas da couraça. Poderia chamar um rapaz para o fazer, mas os criados eram uma doença incapacitante.

— Tornaste-te um observador das modas? — Makin ocupava-se também com a sua armadura, continuando a pingar sobre o couro no chão.

— O preço do estanho é quatro vezes o que era quando conquistei o trono do meu tio.

Makin sorriu.

— Há um convidado que não vi? Falas com alguém, mas não comigo.

— O teu homem. Osser Gant, não é? Compreender-me-ia. — Deixei a armadura onde caiu. Os meus olhos voltavam repetidamente ao tabuleiro de xadrez. Tinham-me preparado um também na minha deslocação anterior ao Congresso. Todas as noites. Como se ninguém pudesse aspirar ao trono sem jogar o jogo.

— Conduziste-me até à água, mas não bebo. Diz-mo sem rodeios, Jorg. Sou um homem simples.

— O comércio, Lorde Makin. — Empurrei experimentalmente um peão. Era um peão com olhos de rubi, um servo da rainha preta. — Não temos comércio com as Ilhas. Não recebemos estanho, pastel ou redes de Brettan. Ou aqueles bons machados que por lá existem ou as suas ovelhas pequenas e resistentes. Não temos comércio com eles e navios negros são vistos junto à costa de Conaught, navegando pelo Mar Silencioso, mas sem nunca atracarem em qualquer porto.

— Houve guerras. Os lordes de Brettan nunca deixaram de alimentar os seus conflitos — Makin encolheu os ombros.

— Chella falou do Rei Morto. Não confio em sonhos, mas confio na palavra de uma inimiga que considera ter-me totalmente em seu poder. Os mortos do pântano mantiveram os exércitos do meu pai ocupados nas suas fronteiras. Ter-nos-íamos enfrentado anos atrás, o meu pai e eu, se não estivesse tão ocupado a defender o que tem.

Makin acenou afirmativamente ao ouvir aquilo.

— Kennick também sofre. Todos os homens de armas que me devem lealdade estão encarregados de manter os mortos aprisionados nos pântanos. Mas um exército inteiro? Um rei?

— Chella era rainha do exército que ergueu em Cantanlona.

— Mas navios? Invasões?

— Existem mais coisas no céu e na terra, Makin, do que sonha a tua vã filosofia. — Sentei-me na cama e rodei o tabuleiro para que a rainha branca e o seu exército ficassem virados para ele. — Joga.

*

Makin venceu seis vezes antes de lhe ordenar que apagasse as lanternas. O facto de ter dormido no chão com os seus seis triunfos, enquanto eu levava o meu único para o luxo de uma cama, pouco me consolava. Adormeci com as peças a dançarem diante dos meus olhos e também com o corrupção dos quadrados negros e brancos, com o brilho dos rubis e das esmeraldas.

Durante a noite, uma tempestade vergastou a lona. As tendas são fanfarronas, e contam histórias exageradas acerca do clima de que nos salvam. O som era de um dilúvio capaz de afogar o reino e de um vento que conseguiria arrancar pedras às encostas montanhosas. Sob um manto de intempérie, encolhido por baixo de uma saliência, talvez não me tivesse acordado. Mas, por baixo do grande tambor do teto do pavilhão, permaneci acordado a fitar a escuridão.

Por vezes, é bom ouvir a chuva sem ficar molhado, sabendo que o vento uiva, mas sem lhe sentir o fôlego. Esperei naquela escuridão intemporal e confortável e, por fim, o cheiro do almíscar branco ergueu-se, os seus braços envolveram-me o peito e puxou-me para os sonhos. Naquela noite, parecia haver uma urgência.

— Tia Katherine. — Sem dúvida, os meus lábios ter-se-iam arreganhado para essas palavras enquanto dormia.

No início, Katherine enviara-me apenas pesadelos, como se considerasse ser a minha consciência e precisasse de me atormentar com os meus crimes. Uma e outra vez, o bebé Degran morreu-me nas mãos e acordei a gritar, ensopado em suor, um perigo para quem partilhasse a minha cama. Passei noites a assar sobre o fogo lento da dor de Sareth, exibida de cada ângulo pelas artes que a sua irmã aprendera sozinha durante o seu casamento com o Príncipe da Flecha. Miana não podia continuar a dormir nos meus aposentos e mandou preparar uma cama na torre oriental.

Prometida aos sonhos, disse a mim mesmo. É uma bruxa dos sonhos. Da igualha de Sageous. Mas isso não me impediu de continuar a desejá-la. Pinteí o retrato de Katherine sobre a tempestade escura da minha imaginação. Nunca se mostrava e, por isso, invoquei a primeira ocasião em que a vi. Aquela memória presa no tempo, quando chocámos nos corredores do Castelo Alto.

Katherine mostrou-me os seus entes queridos. Os que eu matara. Sir Galen, defendendo-lhe a honra nos dias soalheiros da sua juventude em Scorrion. E a sua criada, Hanna, num tempo em que parecia menos azeda e confortava uma princesa infantil numa

corde onde não existia afeto. Nos sonhos, Katherine obrigava-me a preocupar-me com as suas ânsias, com a sua gente, torcendo-me com a lógica estranha da mente adormecida para que tudo parecesse importante, real, tão real como as memórias anteriores aos espinhos. E tudo isto com a luz demasiado brilhante do sol de Gelleth, com o clarão destruidor de carne do Sol dos Construtores, sempre atrás de mim, projetando a minha sombra como um dedo negro entre as suas vidas.

Permiti que os braços dela me arrastassem para a meia-noite. Nunca lhe resistira, mesmo sentindo que conseguiria fazê-lo. E creio que talvez desejasse que o fizesse. Mais ainda do que desejava mostrar-me os males pelos quais eu era responsável. Mais ainda do que precisava de me fazer sentir o mesmo que ela sentia. Penso que precisava que a enfrentasse, que lutasse contra o seu encantamento, que fechasse os meus olhos sonhadores e tentasse escapar. Mas não o fiz. Disse a mim mesmo que escolhera enfrentar o que temia. Que os seus tormentos queimariam os meus sentimentos até não restar deles nenhum vestígio. Mas, na verdade, gostava de sentir os seus braços em meu redor, gostava de senti-la próxima, perto da mão, ainda que intocável.

Sussurros de luz chegaram até mim através da noite sem estrelas. Em tempos recentes, os sonhos para os quais Katherine me arrastava eram mais confusos, sem foco, como se também ela sonhasse. Via-a ou tocava-a, mas nunca as duas coisas em simultâneo. Caminhávamos pelo Castelo Alto ou pelo Palácio da Flecha, com os vestidos dela a serem soprados pelo vento e com o silêncio a unir-nos enquanto as paredes envelheciam e se desmoronavam à nossa passagem. Ou cheirava-a, abraçava-a, mas sendo cego ou vendo apenas os túmulos de Perechaise.

Naquela noite, porém, o sonho surgiu frio e cristalino. Pedra fraturada esmagada pelas minhas botas. A chuva açoitava-me. Subi uma encosta, curvado para enfrentar o vendaval. Os meus dedos moveram-se cegos, roçando rocha natural, uma parede a erguer-se diante de mim. Reconheci cada sensação, mas não tinha qualquer controlo. Era como se fosse uma marioneta e os cordéis fossem puxados pela mão de outrem.

— Que lição é esta, Katherine?

Nunca me falou. Tal como nunca a enfrentei, nunca falava. A princípio, os sonhos em que me enredava eram todos feitos de raiva e vingança. Mesmo assim, tinham frequentemente aquele

gume, mas pensei que fizesse experiências, que treinasse o seu talento, como um espadachim aperfeiçoa a sua técnica e acrescenta novas estocadas ao repertório. Aqueles tinham sido os talentos de Sageous e, quando a minha tia voltara a albergar-se sob o teto do meu pai, poderia ter ocupado o lugar do pagão, não sabendo se, como ele fizera, teceria uma teia subtil de influências e, com toques leves, faria os Cem seguirem pelos caminhos de Olidan Ancrath ou se faria o mesmo para cumprir os seus próprios desígnios.

A tempestade serenou sem aviso e o vento deixou de soprar, ainda que continuasse a ouvi-lo gemer atrás de mim. Era uma espécie de caverna. Agachei-me e retirei o saco do ombro. Dedos seguros encontraram pederneira e acendalhas. Momentos depois, acendi a lanterna retirada de uma bolsa dentro do saco. Ter-me-ia orgulhado do meu trabalho, mas as mãos que o executaram, as mãos com que segurava a pederneira e ateava a chama, não me pertenciam. A lanterna iluminou-as, mostrando-as pálidas como carne que passara demasiado tempo debaixo de água e com dedos longos. Tenho dedos longos, mas aqueles eram aranhas brancas, a rastejarem nas sombras da lanterna.

Segui em frente. Ou melhor, o homem cuja pele partilhava avançou, levando-me com ele. O brilho da lanterna alongou-se e encontrou pouca coisa que o refletisse. A minha visão permaneceu onde era fixada pelo dono dos olhos através dos quais olhava. No chão, sobretudo, na rocha natural alisada pela passagem de muitos pés. Um olhar ocasional para a esquerda e para a direita mostrava quedas de água petrificadas e galerias bizarras onde estalagmites se erguiam para estalactites. E percebi por onde caminhava. A porta dos traidores oriental da Presença. O homem pálido subira o Corredouro na escuridão da tempestade, passando pela porta dos traidores no alto de um dos flancos do Corredouro.

O homem movia-se com confiança. Embora muitas curvas e passagens conduzissem a trevas desconhecidas, não era necessária perícia especial para encontrar o caminho, polido como estava pelos pés de incontáveis predecessores. O sonho parecia exato, recorrendo às minhas recordações para reforçar a sua substância. Senti um arrepio, mas não foi partilhado com o homem pálido. Se Katherine pretendesse ser exata, em breve, uma mão negra fechar-se-ia sobre o pescoço do intruso, alongando-se para a sombra e puxando-o com força irresistível e com rapidez misericordiosa para as mandíbulas escancaradas de um *troll*. Esperei não sentir os dentes negros a

cravarem-se sobre a minha carne, mas o contrário parecia-me mais provável. O fedor dele preenchia-me já o nariz e as projeções do seu pescoço arranhavam o meu.

Percorreu o seu caminho e nenhuma mão se alongou para ele. Se tivesse conseguido sustentar a respiração, tê-la-ia deixado escapar naquele momento. Por um instante, o sonho convencera-me de que estava ali, mas não. Os *trolls* de Gorgoth guardavam os caminhos subterrâneos para a Presença e muitos outros caminhos secretos além desses.

Percorriamos caminhos artificiais abertos na pedra para unir a Presença às cavernas naturais. O homem parou, não muito distante da mais funda das caves da Presença. À sua frente, um emaranhado de escuridão engolia a luz da lanterna, sem devolver nada. Durante longos momentos, manteve-se imóvel, quase inumano na sua ausência de palpitação ou tremor. Quando avançou, moveu-se com pés ligeiros, segurando o punho frio de uma faca nos dedos, mesmo que não conseguisse ver a lâmina. Havia um único *troll* estendido sobre a pedra áspera, a esticar os membros. O rosto da criatura permanecia oculta contra o nódulo negro do ombro. Podia estar morto, mas, após observação cuidadosa, o homem pálido e eu vimos as suas costas subirem e descerem lentamente enquanto respirava.

Sem demora, o homem contornou o *troll* adormecido, baixando a cabeça no ponto onde o túnel se tornava mais baixo e esforçando-se para não pisar as pernas negras.

— Um sonho pobre, Katherine. — Falei sem precisar dos lábios dele. — Os *trolls* foram criados para a guerra. Está escrito na sua essência. O cheiro deste homem teria já despertado uma dúzia deles, fazendo-os escancarar a boca de fome.

O meu acompanhante encontrou a porta de madeira que conduzia às adegas da Presença. Usou gazuas pesadas na fechadura, como era exigido pelo mecanismo velho e sólido. Uma gota de óleo para evitar ruído das dobradiças e abriu, entrando sem hesitar. Vi a faca nesse momento. Uma ferramenta de assassino, longa e fina, com punho de osso branco rodado.

Saiu pelo enorme barril falso que camuflava a saída. Encostado a um barril verdadeiro colocado diante do falso e quase de tamanho idêntico, sentava-se um guarda vestido com as minhas cores, com o elmo colocado de um lado e as pernas esticadas, dormindo. Agachei-me diante dele. Senti o peso do corpo apoiado nos

calcanhares e senti a aspereza do cabelo louro escuro do guarda enquanto lhe puxava a cabeça para trás. Conhecia-o. O nome veio-me à memória. Rodrick. Um sujeito baixo, mais novo do que eu. Encontrei-o escondido na minha torre quando a Flecha sitiava o castelo. A minha faca fria encostou-se à sua garganta e, mesmo assim, não se mexeu. Senti vontade de lhe abrir a garganta apenas por ser tão inútil como guarda. Mesmo assim, chocou-me ver a minha mão descer mais ainda e cravar a lâmina no seu coração. Acordou! Rodrick fixou em mim um olhar ferido, com a boca contorcida e silenciosa enquanto morria. Esperei. O rapaz ficou completamente imóvel, mas, mesmo assim, esperei. E só então puxei a faca. Houve muito pouco sangue. Limpei a lâmina na sua túnica.

O homem pálido tinha mangas negras. Notei isso antes que o seu olhar encontrasse as escadas e se dirigisse para lá. Deixou a lanterna ao lado de Rodrick e a sua sombra seguiu à sua frente.

Caminhou pelos corredores e salões da Presença, como se ali pertencesse. O castelo era preenchido pela treva, apenas com lanternas ocasionais a iluminarem esquinas ou portas. Portadas estremececeram, abaladas pelo vento, enquanto a chuva se acumulava em baixo, escorrendo por ombreiras e cobrindo pisos de pedra. Aparentemente, a minha gente encolhia-se nas suas camas enquanto a tempestade uivava, não havendo ninguém pelos corredores, nenhum criado a ocupar-se das lanternas, nenhum estrumeiro a recolher as fezes noturnas, nenhuma ama ou pega de guarda a esgueirar-se do quartel... E nem mesmo um guarda.

Por fim, quando o assassino chegou à porta que conduzia à torre oriental, encontrámos um guarda que não tinha abandonado o seu posto. Sir Graeham, um cavaleiro da minha mesa, dormindo de pé, mantido na vertical por um esforço combinado da armadura, da alabarda e da parede. Mãos pálidas posicionaram a faca longa num vão entre pescoceira e ombreira. O assassino aplicou o peito da mão sobre o punho de osso da faca, preparando um golpe capaz de perfurar couro e malha, encontrando a jugular por baixo. Hesitou, talvez pensando, como eu, que a queda do cavaleiro seria bastante ruidosa. Mantivemo-nos suficientemente próximos para encher as narinas com o fedor intenso de Sir Graeham a cada inspiração. O vento uivava e cravei a faca. O punho magoou a mão que não era minha e a extremidade magoou Sir Graeham mais ainda, fazendo-o cair com espasmos. O seu peso libertou-o da lâmina.

O assassino voltou a limpar a lâmina. Daquela vez, na capa vermelha do cavaleiro, manchando-a com uma tonalidade mais intensa. Era um sujeito demasiado meticuloso.

Encontrou a chave no cinto de Graeham e destrancou a porta de carvalho reforçada a ferro e polida pelo toque de muitas mãos. Por mais velha que a porta fosse, o arco que bloqueava era mais velho ainda. Os pergaminhos do meu tio referiam uma era em que a Presença fora apenas a torre oriental, uma única torre de vigia na encosta de uma montanha com uma base militar a rodear-lhe o eixo. E esses homens, que enfrentaram as tribos de Or e construíram um bastião no Planalto, também não foram os construtores da torre. Havia palavras escritas no arco, mas o tempo esqueceu até mesmo o nome do alfabeto usado. O significado perdeu-se para sempre.

O assassino atravessou o arco, passando por baixo das runas talhadas na pedra angular. Senti uma dor repentina, de espinhos a cravarem-se na minha carne, perfurando a pele e molhando-se com o sangue de uma forma que não permitiria libertação fácil, como o arame farpado que só se libertará alargando a ferida ou o cão que terá de ser morto para que os músculos e tendões do maxilar possam ser cortados, puxando os dentes do osso. Doeu, mas recuperei a minha liberdade, arrancada ao corpo que me sustentava. Vi-o caminhar sem hesitação e cambaleei atrás dele, seguindo-o enquanto subia as escadas. A sua capa preta estava decorada com uma cruz de seda branca cosida. Uma cruz sagrada.

Corri para ele, mas atravessei-o como se fosse eu o fantasma, ainda que na verdade tivesse sido realmente eu a estremecer com o contacto. A luz das lanternas permitiu-me ver-lhe a cara quando me virei, um momento antes de voltar a atravessar-me, deixando-me parado nos degraus. O homem não tinha qualquer cor. A sua cara tinha a mesma palidez afogada das suas mãos, com o cabelo colado ao crânio e as íris dos olhos a igualarem o marfim que as rodeava. Havia uma cruz de seda branca cosida à frente da túnica, espelhando a das costas. Seria um assassino papal. Só o Vaticano enviava assassinos para o mundo com remetente declarado. O resto de nós preferiria não ser apanhado a recorrer a tais agentes. O assassino papal, porém, era meramente uma extensão da infalibilidade papal. Que vergonha poderia existir na execução da palavra de Deus? Porque deveriam tais homens esconder-se sob a capa do anonimato?

Estendido num nicho anexo às escadas, o Irmão Emmer estava morto para o mundo. O assassino ajoelhou-se e usou a faca para tornar esse estado permanente. Emmer demonstrara pouco interesse pelas mulheres na estrada e parecera uma boa escolha para vigiar a minha rainha. Vi o homem da papisa subir os degraus até a curvatura da torre o esconder. O sangue de Emmer escorria, degrau a degrau, formando cascatas escarlate.

Nunca enfrentei Katherine. Nunca tentei escapar às suas ilusões, mas isso não significava que tivesse de colaborar. De alguma forma, conseguira libertar-me do assassino e não via qualquer motivo para apenas testemunhar as suas outras ações. Assassinar a minha rainha, sem dúvida. Miana dormiria na câmara no alto das escadas, se Katherine seguisse a planta do castelo que roubara às minhas memórias. Deveria continuar a segui-lo como um imbecil, vendo o pescoço de Miana a ser cortado? Vendo-a a debater-se numa poça do seu sangue com o meu filho a morrer dentro dela?

Ergui-me na escuridão, acompanhado apenas pelos ecos de luz das lanternas colocadas em níveis superiores e inferiores.

— Deveras? Acreditas que conseguirás mostrar-me alguma coisa que consiga magoar-me? — disse ao vazio. — Fizeste-me percorrer as minhas recordações. — Deixava-a deambular por onde desejava quando me procurava com os seus pesadelos. Pareceu-me que percorrer os corredores longos da minha memória seria um pior tormento para ela do que as agruras que vivera. Mesmo segurando na sua mão a chave de cada uma das minhas portas, sabia que havia locais dentro de mim onde não se atrevia a entrar. Quem, em seu perfeito juízo, se atreveria?

— Joguemos este jogo, princesa. Até ao fim. Descubramos se a conclusão te parecerá demasiado amarga.

Corri pelas escadas acima, com contacto ligeiro e fácil entre pé e pedra, como se apenas conseguisse tocar devidamente aquele sonho dentro da pele do assassino. Alcancei-o momentos depois, ultrapassando-o e vencendo a corrida até ao topo.

Marten esperava aí, agachado diante da porta da rainha, com a espada e o escudo no chão, os olhos vermelhos e desvairados. O suor colava-lhe o cabelo escuro à testa e escorria sobre os tendões forçados do seu pescoço. Num punho, segurava uma adaga, encostando-a repetidamente à palma aberta da outra mão. A sua respiração era acelerada e o sangue acumulava-se na concha formada pela mão.

— Resiste — disse-lhe. Apesar da minha determinação, senti-me tocado pelo seu esforço para permanecer acordado e guardar Miana.

O assassino tornou-se visível. Para mim, não para Marten. Parou, farejou o ar sem produzir qualquer som e inclinou a cabeça para ouvir o ténue gemido de dor de Marten. Enquanto permanecia parado, mergulhei para dentro dele, determinado a acomodar-me no interior dos seus ossos, segurando-me a qualquer coisa tangível. Um momento de agonia cegante e voltei a olhar pelos seus olhos. Senti o sabor a sangue. Tinha partilhado a dor da fusão comigo e, apesar de não ter gritado, uma inspiração suspensa passara-lhe pelos lábios. Talvez fosse suficiente para advertir Marten.

O homem da papisa enfiou a mão no interior da túnica, embaalhando a faca longa com punho de osso e puxando duas adagas curtas e pesadas com forma de cruz e com pesos no punho para serem lançadas. Moveu-se muito depressa, surgindo diante de Marten e, ao mesmo tempo, lançando a primeira faca com um movimento do pulso mínimo mas suficiente para ter força letal.

Marten avançou quase no mesmo momento em que nos viu, abrandando por um segundo, talvez devido ao peso do sono que tentara repelir. A adaga do assassino atingiu um ponto algures entre pescoço e ventre. Ouvi os aros metálicos da malha a quebrarem-se. Passou por nós com um rugido e o pé do assassino ergueu-se, atingindo Marten no queixo, projetando-o contra a parede curva. O ímpeto fê-lo cair pelas escadas abaixo. Hesitámos, não sabendo se deveríamos segui-lo para verificar se restava algum osso intacto. O calor húmido abaixo do nosso joelho convenceu o assassino a não o fazer. De alguma forma, Marten conseguira cortá-lo de passagem. O homem da papisa cambaleou em direção à porta, silvando com a dor que alastrava do corte infligido. Parou para atar uma ligadura, uma tira de seda retirada de um bolso escondido, e apertou com força. A seguir, continuou a subir os degraus.

As chaves que existissem teriam desabado pelas escadas com Marten e o homem do papa puxou novamente pelas gazuas para abrir a fechadura. Demorou mais que antes. A porta da rainha estava trancada com um mecanismo complexo que seria possivelmente tão velho como a torre. Antes de sucumbir ao nosso esforço paciente, as lajes do chão ficaram cobertas com o sangue do assassino, tão vermelho como o sangue de qualquer homem, apesar da palidez da sua pele.

Endireitámo-nos e senti a sua fraqueza. Perda de sangue e mais alguma coisa. Forçou um músculo que não partilhava, mas percebi que o esforço lhe provocava dor. Talvez tivesse acabado de pagar um preço alto pelo sono eterno.

A porta abriu-se sem qualquer som. O assassino retirou a lanterna do gancho junto ao local onde Marten se agachara e entrou. A intensidade da sua imaginação começou a atingir-me quando, por fim, a sua excitação se fez sentir. Vi as imagens a tornarem-se nítidas na sua mente. De repente, sonho ou não, quis que falhasse. Não queria que cortasse o pescoço de Miana. Não tinha qualquer desejo de ver o farrapo vermelho arruinado que seria o meu filho a ser-lhe arrancado ao ventre. O medo surpreendeu-me, cru e elementar, e soube que seria meu e não algo que partilhasse com Katherine. Pensei se poderia ser um eco do que Coddin me dissera que sentiria pelo meu filho ou filha quando o visse pela primeira vez. Quando o recebesse nos meus braços. Se fosse essa a verdade, percebia pela primeira vez naquele momento como esse laço podia ser perigoso.

Na cómoda junto à cama, um brilho da corrente de prata que eu oferecera a Miana no dia do seu nome. Por baixo das cobertas, uma forma envolta em sombras, mãe e filho, dormindo mansamente.

— Acorda. — Como se dizer aquilo concretizasse a minha vontade. — Acorda. — Desejava dizê-lo com toda a minha força e não houve sequer um tremor nos lábios do assassino.

Uma certeza fria apertou-me a garganta. Era real. Acontecia naquele momento. Eu dormia na minha cama numa tenda. Miana dormia na sua a quilómetros de distância e a morte pálida aproximava-se dela.

— Katherine! — Gritei-lhe o nome dentro da cabeça dele. — Não faças isto!

Avançou para a cama, erguendo num gesto seguro a segunda faca de arremesso. Talvez fosse apenas a dimensão do vulto por baixo das cobertas a impedi-lo de lançar imediatamente a faca. Ninguém diria que Miana seria uma mulher volumosa, mesmo com um bebé a esforçar-se para sair de dentro dela. Parecia ter companhia ali. Até eu pensaria o mesmo se Marten não tivesse guardado a porta.

Outro passo, com a sua perna ferida a tornar-se dormente e fria e os lábios a formularem algum feitiço sem produzir qualquer som, como se a sua magia estivesse tão fragilizada como os seus

passos e precisasse de amparo. Não houve qualquer aviso. O meu braço, o braço dele, recuou para o arremesso. Nesse momento, as cobertas moveram-se, ouvi um ruído abafado e um punho atingiu-me o flanco com força suficiente para me projetar para trás, rodopiando duas vezes antes de embater na parede. Escorreguei até ao chão, com as pernas esticadas à minha frente. Olhei para baixo. As duas mãos pálidas repousavam sobre os meus flancos, com sangue a escorrer entre os meus dedos e com pedaços de carne pendurados.

As cobertas foram erguidas e Miana olhou-me curvada sobre o volume negro da besta do Núbio, com os olhos arregalados e ferozes.

A minha mão direita encontrou o punho de osso da faca mais longa. Consegui erguer-me, cuspendo sangue e com o mundo a girar à minha volta. Via que não restavam virotes na besta. Dentro do assassino, esforcei-me com cada partícula do meu ser para lhe imobilizar as pernas, para o fazer largar a arma. Pareceu-me que o teria sentido daquela vez. Moveu-se lentamente, mantendo-se entre Miana e a sua porta. Os seus olhos fixaram-se no ventre redondo que esticava a camisa de dormir.

— Para! — Segurei-lhe o braço com toda a minha determinação, mas, mesmo assim, avançou.

Miana parecia mais irritada do que assustada. Preparada para o pior.

A minha mão avançou com a faca pendurada, baixa, abaixo da besta de Miana. Não conseguia travá-lo. A lâmina brilhante perfurar-lhe-ia o ventre, cortando, e matando-a numa repelente explosão de sangue e entranhas. Arrastando consigo o nosso filho.

O assassino golpeou e, a um palmo de atingir carne, o nosso braço foi desviado, com a sua força anulada por um golpe que me fez estremecer o ombro. Virei-me e caí, com as peças de ferro da besta a embaterem-me no rosto. Marten erguia-se atrás de mim, como um demónio vestido de sangue e com o seu rosnado velado de escarlate. A minha cabeça embateu na carpete e a visão enegreceu. As vozes deles pareciam tão distantes.

— Minha rainha!

— Não estou ferida, Marten.

— Sinto muito. Desiludi-te. Conseguiu passar por mim.

— Não estou ferida, Marten... Uma mulher despertou-me em sonhos.

Um rei em busca da vingança

Com apenas vinte anos de idade, o príncipe tornou-se o Rei Jorg Ancrath, rei de sete nações, conhecido em todo o Império. Mas os planos de vingança que tem para o seu pai ainda não estão completos. Jorg tem de conseguir o impossível: tornar-se imperador.

Um império sem imperador há cem anos

Esta é uma batalha desconhecida para o jovem rei, habituado a conquistar tudo pela espada. De quatro em quatro anos, os governantes dos cem reinos fragmentados, do Império Arruinado, reúnem-se na capital, Vyene, para o Congresso, um período de tréguas durante o qual elegem um novo imperador. Mas há cem anos, desde a morte do último regente, que nenhum candidato consegue assegurar a maioria necessária.

Um adversário temível e desconhecido

Pelo caminho, o Rei Jorg vai enfrentar um adversário diferente de todos os outros, um necromante como o Império nunca viu, uma figura ainda mais odiada e temida do que ele: o Rei dos Mortos.

«Cada frase é meticulosamente trabalhada, uma obra de arte e um prazer de ler.»

PETER V. BRETT, autor bestseller do *New York Times*

«Este livro perdurará como um dos melhores de sempre. Bravo!»

RT Book Reviews

Conhece a história
de Jorg Ancrath,
o herói mais negro
de sempre:



• TRILOGIA DOS ESPINHOS •

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8855-04-6



9 789898 855046

Literatura Fantástica